

## SOBRE O ESTATUTO DA PALAVRA QUE TEM EFEITO NEOLÓGICO NO DELÍRIO<sup>1</sup>

Walker Douglas PINCERATI (IEL/UNICAMP)

### Resumo

Objetivo é discutir e analisar o estatuto das formações lexicais que no dizer psicótico têm efeito neológico. Os neologismos são formas possíveis que são motivadas e, como tais, atualizadas pelo falante. Eles entrem no jogo dialético da interlocução de sujeitos “normais”. Isso permite recusar o termo ‘neologismo’ para designar as palavras novas e insólitas do psicótico. A ‘palavra que tem efeito neológico’ no dizer psicótico não circula entre os falantes ou no discurso. Ela fica restrita à fala do psicótico, ao seu delírio. Contudo, essa palavra insólita e sem explicação à primeira vista se revela, após sua análise nos meandros do delírio, ser uma peça importante na construção delirante.

**Palavras-chave:** efeito neológico; neologismo; delírio; psicose; fala delirante.

### Introdução

Qual é o estatuto da palavra de efeito neológico no dizer psicótico? Essa questão primeira surgiu mediante a observação de que as palavras criadas pelos psicóticos, consensualmente denominadas ‘neologismos’, não se enquadram nos requisitos que os lexicólogos e lexicógrafos estipulam para identificar um neologismo. Para Ieda Alves (2004, p.11), uma unidade lexical só pode ser considerada um neologismo se ela é interpretada pelo interlocutor. É, então, que surge a hipótese de que o neologismo tal como entendido pela Lexicologia e Lexicografia não tem o mesmo estatuto que o neologismo criado por um psicótico; hipótese que se desdobrou na pergunta já enunciada.

### 1. Do ‘neologismo’ à ‘palavra de efeito neológico’

Minha proposta é a de que as palavras novas no dizer psicótico são ‘palavras que têm efeito neológico’, pois, além de apontar para processos de formação diversos, não se reduzem à descrição linguística. Qualquer tentativa de descrição falha.

Por exemplo: *seleccionável* é um neologismo de língua – tipo de neologismo que muitos falantes do PB (português brasileiro) não sentem como novo – que é formado pela derivação sufixal ou sufixação da base verbal *seleccionar* com o sufixo nominal *-vel* (que indica a possibilidade de uma ação). Seu caráter neológico, porém, é evidente quando é utilizado como um substantivo, por exemplo em: *Os seleccionáveis da seleção brasileira...* Nesse sintagma, a novidade reside na mobilização desse sufixo formador de adjetivo para transformar um verbo em substantivo, cujo motivo é referir aos jogadores da seleção brasileira (cf. Alves, 2004, p.33).

Contudo, quando escutamos de um psicótico a palavra *alfásica* ficamos sob o efeito de um estranhamento. Se avançamos no sentido de descrevê-la do ponto de linguístico, mais opaca ela se torna, devido ao fato de que nessa tentativa diversos constituintes podem ser escutados. Afinal, estaríamos diante de uma derivação, prefixo *al-* + substantivo *fásica*? Um sufixação, *alfa* + (*s*)*íca*? Tratar-se-ia de uma composição do substantivo *alfa* + adjetivo *afásica*? Ou não seria uma prefixação de *alfa-* + adjetivo *afásico*?

Essa impossibilidade, no entanto, pode ser ultrapassada quando atentamos para a palavra no delírio. Vejamos o trecho em que LC, que tem o diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia, está explicando para a entrevistadora o que, em suas palavras, seria preciso fazer para **operar** o pai que não tem o mesmo sangue que o dele. Ele diz:

---

<sup>1</sup> Apresento, aqui, os resultados do projeto de pesquisa *A loucura das palavras na psicose: neologismo e efeito neológico* (que teve o apoio da FAPESP, nº 07/52577-2), orientado pela profa. Dra. Cláudia Lemos, e que deu origem à dissertação *O estatuto da palavra que tem efeito neológico na construção delirante*, defendida no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

LC: Eu sei que precisava ser *descarga elétrica*, né?

Entrv.: Descarga elétrica?

LC: Uma *onda de columb*.

Entrv.: De quê?

LC: *Columb. Raios Columb, energia Columb. Beta, beta ômega **alfásica**, beta, **alfa** e ômega*. Tem que aplicar isso no corpo dele.

(Pincerati, 2009, p.79; ênfases minhas)

Tomemos, nesse recorte, *alfásica*. Podemos entrever, de forma sucinta, o que subjaz à criação dessa palavra se levarmos em conta que se trata de um delírio que gira em torno da eletrônica – o que é evidente no trecho recortado – e da hematologia para dizer de um **corpo** que se caracteriza por ser uma máquina infalível; de um corpo que contém fusíveis RST, isto é, fusíveis de três **fases** – R, S e T –, e que, nesse corpo, o que circula é um sangue que é eletricidade, o que lhe dá força (cf. Pincerati, 2009). Disso, podemos, por exemplo, depreender que *alfásica* é uma palavra construída por meio da condensação dos significantes *alfa* e *fase*-*ica*.

Note-se que há uma “motivação” delirante para a criação da palavra nova no dizer psicótico. Mais que isso, que essa “motivação” é diferente daquela que está em jogo nos neologismos que comparecem no discurso ordinário ou científico.

Um neologismo nasce no nível da fala e do discurso; nasce, pois, no seio da interação verbal, sendo passível de entrar, depois, para a língua (cf. Zhenhua, 2001; Correia e Lemos, 2005). Trata-se, portanto, de uma forma possível, motivada e reconhecida como atualizada pelo falante da língua. A palavra do psicótico, pelo contrário, fica restrita a sua fala; não faz laço social ou na interação verbal. Nunca podemos encontrar sua “motivação” fora do delírio em que está imiscuída. Em suma, embora seja uma forma possível na língua, não é reconhecida como atualizada pelo falante.

A novidade da palavra de efeito neológico reside na(s) ideia(s) delirante(s) que condensa. A novidade do neologismo consiste no mecanismo linguístico que a ele subjaz. A palavra de efeito neológico, então, parece, mas não é um neologismo; isto é, tem efeito de neologismo sem o ser.

Tendo isso em vista, dá-se a ver a inadequação terminológica ao se atribuir o nome ‘neologismo’ à palavra insólita do psicótico. Essa inadequação foi também notada pelo psiquiatra italiano Sérgio Piro (1987), que disso não tirou consequências. Contudo, como é que esse termo foi parar nos estudos psiquiátricos sobre a linguagem na psicose? Qual o porquê dessa importação, de tal modo que se tornou o termo para se referir às palavras insólitas dos psicóticos tanto na psiquiatria como na psicanálise? A origem é encontrada na psiquiatria clássica. Vale ressaltar que a psicanálise também se utiliza desse termo, porque o herdou da psiquiatria clássica.

## 2. Breve história do ‘neologismo’ na psiquiatria clássica e na psicanálise

É no início da segunda metade do século 19 que encontramos o primeiro trabalho sobre neologismo na psicose. Mais precisamente, foi o médico alienista Ludwig Snell que, em 1852, publicou *Ueber die veränderte Sprechweise und die Bildung neuer Worte und Ausdrücke in Wahsinn* (em português: *Sobre o modo de falar alterado e sobre a formação de palavras novas e expressões no delírio*).

Porém, a importância desse artigo, a meu ver, reside menos em ser o texto *princeps* na temática em causa do que na distinção dos “neologismos” de acordo com o tipo de doença em que aparecem.

Snell notou que a formação de expressões e de palavras novas é encontrada em todas as doenças mentais. Contudo, de um lado, nos estados de excitação a presença de palavras novas é passageira, dependente de uma sucessão muito rápida e tumultuosa de representações ou é resultante de uma pronúncia incompleta e deformada das palavras (Snell, [1852] 1980, p.365). Já nos idiotas, isto é, nas deficiências mentais de origem congênita, má-formação ou sensorio-motoras são resultantes de uma memória falha e de uma percepção incompleta das impressões sensoriais (*Ibid.*, p.366). Já nos casos de delírio, por outro lado, “os conceitos ligados a essas neoformações verbais são fixos e suscetíveis de um esclarecimento ulterior por parte do próprio doente.” (*Ibid.*, p.365-66)

Essa diferença observada por Snell se filia, senão inaugura, uma corrente de pensamento vigente até hoje que distingue os fenômenos da linguagem no delírio das outras doenças, sejam mentais, sejam deficiências orgânicas.

Nas palavras do psicanalista Jean-Claude Maleval (1998), a psiquiatria clássica distinguiu **delírio** de *delirium*. O delírio “corresponderia a ideias sistematizadas, enquanto o *delirium* designaria melhor as experiências de um imaginário desenfreado” (*Ibid.*, p.68). Essencialmente, o delírio refere-se à psicose e o *delirium* ao onirismo.

Como se pode notar com Snell, os neologismos são marcas linguísticas que dão a ver essa diferença. Na mesma linha de pensamento encontramos, entre outros autores, o psiquiatra italiano Eugênio Tanzi e o psiquiatra francês Jules Séglas.

Tanzi, em 1889-1890, publicou *I neologismi degli alienati in rapporto con delirio cronico* (em português: *Os neologismos dos alienados em relação com o delírio crônico*). Ele classificou os neologismos criados por diversos delirantes e os agrupou em sete tipos. A partir dessa classificação foi possível retirar algumas conclusões, quais sejam: (1º) os neologismos só têm sentido no delírio, (2º) eles revelam que há uma regularidade que torna possível entrever as leis do delírio, (3º) eles condensam de alguma maneira as ideias delirantes e (4º) o neologismo consiste numa espécie de culto ao verbo, porque o delirante acredita em seu poder misterioso e mágico.

Esse último ponto tem sua importância ao pôr em relevo que o neologismo do delirante atesta as proporções de uma ideia fixa se desenvolvendo em sua consciência. Está, com isso, intimamente relacionado com o fenômeno da crença delirante.

No que diz respeito à distinção delírio e *delirium*, Tanzi observou que os neologismos na mania e no delirante febril são “pobres e incolores”. Nos paranoicos, ao contrário, “testemunham uma superprodutividade” (cf. Tanzi, 1890, p.365 *apud* Bobon, 1952, p.39).

Porém, é com Séglas que essa diferença se torna nítida. No capítulo dedicado às dislogias (*dislogies*), isto é, aos “distúrbios da linguagem falada provocados por distúrbios intelectuais com integridade da função da linguagem”, do seu *Des troubles du langage chez les aliénés* (em português: *Os distúrbios da linguagem nos alienados*), Séglas dá mais alento à discussão sobre os neologismos, dividindo-os em dois tipos. Seguindo a tendência já mencionada, designa os neologismos que resultam do simples automatismo psicológico no alcoolismo crônico, na paralisia geral progressiva, na demência, nos imbecis e nos idiotas – sendo as duas últimas debilidades mentais graves – e na excitação maníaca com o nome **neologismos passivos** (Séglas, 1892, p.50-51). São chamados de **neologismos ativos** aqueles neologismos que têm uma “motivação” em sua criação e que correspondem a ideias mais ou menos nítidas para o sujeito, tendo como origem uma rede de associações coordenadas numa certa direção, que se resumem numa palavra nova (*Ibid.*, p.51-53). O neologismo ativo é, pois, fruto de um **trabalho** do delirante.

Os três psiquiatras também observaram que o delírio tem como característica marcante uma linguagem mais rebuscada e que o delirante se expressa com mais facilidade e segurança em seu delírio do que quando em “estado normal”. Séglas chega a comparar os delirantes aos forjadores de sistemas científicos, por floream sua fala com termos pomposos e pitorescos, mas que, no fundo, revelam o vazio de suas teorias (Séglas, 1892, p.52).

Entretanto, embora a clínica psiquiátrica clássica tenha contribuído para traçar uma diferença estrutural entre delírio e *delirium* e tenha destacado a importância da linguagem na relação médico-paciente, sua concepção de linguagem é de que ela é instrumento ou veículo do pensamento. Por conta disso, toda a riqueza de suas descrições fica limitada a uma concepção de que há uma debilidade intelectual ou um déficit de percepção na psicose.

É em Freud que encontramos uma abordagem que coloca o delirante mais perto do médico, entendendo-o como habitante da linguagem. A clínica psicanalítica, com isso, inaugura um novo modo de pensar o delírio e, conseqüentemente, as palavras de efeito neológico que nele compõem.

Em 1911, ano em que publica o Caso Schreber, Freud concebe o delírio como uma tentativa de cura, uma reconstrução, uma defesa contra o desmoronamento do mundo subjetivo do delirante, depois que ele retirou das coisas e das pessoas ao seu redor a sua libido. Mas é a partir do texto *O Inconsciente*, publicado em 1915, que podemos entender o delírio como uma tentativa de cura a partir do investimento na palavra. Freud, nesse texto, escreve que é porque há uma retirada de investimento dos objetos do mundo que o delirante o deslocará para as palavras. As alterações da fala na esquizofrenia revelam essa prevalência da palavra, bem como revelam uma particular relação eu-objeto. Essa relação tem a ver com o fato de o esquizofrênico tratar as palavras como se fossem coisas, já que ele procura por meio delas os objetos perdidos (cf. *Ibid.*, 1915, 51). O estranho advém do fato de que as palavras não têm a ver com as coisas do mundo; essas últimas estão perdidas. É por meio do investimento nas palavras que o psicótico reconstrói o seu mundo.

### 3. A função do efeito neológico na construção delirante

Diante tudo isso, é possível afirmar que a opacidade semântica no dizer psicótico não se produz devido à presença de “neologismos” nele. Tanto a opacidade do “neologismo”, ou melhor, da palavra de efeito neológico quanto do próprio dizer psicótico encontra sua razão na organização e estruturação do delírio. O estranho se deve ao fato de que o psicótico se contenta com as palavras ao invés de coisas. Não se trata mais de saber qual é o estatuto do “neologismo” no dizer psicótico na sua diferença com o “neologismo” no discurso ordinário e científico, mas de saber qual é o papel / a função do efeito neológico na reconstrução do delirante. É a partir disso que li o *corpus*.

O *corpus* é constituído pelas falas de LC gravadas e transcritas por Fernanda Picardi. Ele se encontra disponível em sua dissertação de mestrado *Linguagem e Esquizofrenia: na fronteira do sentido* (1997). LC, na época, era um paciente semi-interno do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, Campinas-SP, tinha 29 anos e o diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia. Cabe ainda informar que elas, as falas de LC, estão também disponíveis no Anexo de minha dissertação.

A análise mostrou que **a função da palavra de efeito neológico é a de encapsular significantes e “ideias delirantes” em trânsito no delírio**. Vejamos um exemplo:

Picardi: Você falou uma vez que você achava que você tava virando um andróide?

LC: Eu *virei mesmo*.

Picardi: Como que é isso, LC?

LC: É o conhecimento que eu tenho, o modo de organizar as coisas, de interpretar e de fazer funcionar *associadamente*, perto de gente, né? E tenho também um, vamos dizer caracteres, a força da saúde também, tia. Força da saúde da gente de sangue tipo A negativo que corre na minha veia. Essas coisas assim.

Picardi: Mas como que você começou a virar um andróide, como você percebeu isso?

LC: *Eu nasci assim, tia*.

Picardi: Você nasceu assim?

LC: Eu nasci assim.

Picardi: Mas o que é ser um andróide?

LC: Ah, *ser um andróide...*, *ser andróide é controlar o mundo*, tia, controlar o mundo: a vida de cada um, a matéria, os sonhos, as idéias, o sexo, a família, a distração, a ginástica, a eletrônica, a mecânica, a guerra, os pensamentos, o afloramento pensamental, as distâncias, os metros, os quilômetros, os centímetros, os milímetros, os segundos, os dias, as noites, os tempos, as semanas, os anos, os decênios, os milênios, os séculos, os milhões de anos, a lembrança, o ponto, o local, a tangência, a hidrologia, coisas assim tia.

Picardi: Você controla isso tudo?

LC: *Controlo tudo isso, tia*.

Picardi: Como?

LC: Com o pensamento. Que eu sou mais *lóide* do que um *andróide*, né?

(Pincerati, 2009, p.82; ênfases minhas)

Destaco, com grifos, o arranjo dos significantes em trânsito no delírio de LC. Notemos que não são significantes quaisquer, mas todos têm relação com o universo da física e da hematologia, além das cadeias de termos científicos em que as palavras são mobilizadas como tais, não referindo a nada no mundo. Todo esse arranjo tem como efeito significante rimas, ecos, aliterações... Note-se, ainda, que quanto mais condensado está o trânsito de significantes mais forte se torna a certeza delirante de controle do mundo. É nesse contexto que irrompe *lóide*, palavra que tem efeito neológico.

Notemos, resumidamente, que no sintagma em que ela irrompe escutamos um eco: *lóide*>*andróide*. *Lóide* situa-se antes de *andróide* nesse sintagma. Contudo, é de *andróide* que LC falava. E é num movimento que rumo à positivação dos atributos dele como um *andróide*, como um ser superior que controla o mundo com as palavras, que ele abandona, no final, o significante *andróide* para ficar com *lóide*, como uma forma outra que o identifica a um ser superior e excepcional. Não há um referente no mundo para *lóide*; bem como a palavra *lóide* esvazia *andróide* por uma transferência de toda a significação que progressivamente vinha sendo atribuída a essa última palavra no dizer de LC. E eis que, como um umbigo, *lóide* irrompe, como um eco de *andróide*, localizando e encapsulando o material em trânsito no delírio.

Ressalto, ainda, que há uma oscilação entre (i) temas delirantes que provocam angústia e perplexidade, característicos dos momentos em que LC se sente perseguido, paralisado e espancado pelo Outro impiedoso e, por vezes, não identificado, e (ii) reconstrução, momentos em que LC se identifica como um ser potente, poderoso e excepcional no mundo. É no pólo da reconstrução que observamos a irrupção de palavras de efeito neológico.

É patente que é no contexto de reconstrução que aparecem as palavras que têm efeito neológico no dizer psicótico de LC; notadamente nos contextos em que há atualização de uma constelação de significantes atinentes a termos técnico-científicos de particular importância para o delirante, situando LC como diferente, como excepcional.

## Conclusão

Mediante tudo isso é possível afirmar que o estatuto da palavra de efeito neológico na construção do delirante é o de encapsular as representações delirantes e significantes em trânsito no delírio, situando o delirante como um ser excepcional, atenuando, conseqüentemente, sua angústia.

## Bibliografia

- ALVES, Ieda. *Neologismos – criação lexical*. 2ª. ed., 3ª. reimp.. São Paulo: Ática, 2004.
- CORREIA, Margarita e LEMOS, Lúcia. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- FREUD, Sigmund. Puntualizaciones psicoanalísticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente. In: (Sigmund FREUD) *Obras completas de Sigmund Freud, Standard Edition*, v.7. Buenos Aires: Amorrortu, pp.1-76, 1911 (1996). [trad. José L. Etcheverry del original alemán.]
- FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: (Sigmund FREUD) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v.II: 1910-1920. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1915 (2006). [trad. Claudia Dornbusch et al. do original alemão.]
- MALEVAL, Jean-Claude. *Lógica del delírio*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1998. [trad. Daniel Alcoba del original “Lógica du délire”, Paris, Masson, 1996.]
- PICARDI, Fernanda. *Linguagem e esquizofrenia: na fronteira do sentido*. Dissertação [Mestrado em Linguística] – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. [Disponibilizada em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000113682>]
- PINCERATI, Walker. *O estatuto da palavra que tem efeito neológico na construção delirante*. Dissertação [Mestrado em Linguística] – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. [Disponibilizada em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000466129>]
- PIRO, Sergio. *El lenguaje esquizofrenico*. D.F./México: Fondo de Cultura Económica, 1987. [Trad. Carlos M. Moreno del original “Il linguaggio schizofrenico”, Milano, Giangiacomo Feltrinelli Editore, 1967.]
- SÉGLAS, Jules. *Des troubles du langage chez les aliénés*. Paris: J. Rueff et C<sup>ie</sup> Editeurs, 1892.
- SNELL, Ludwig. Ueber die veranderte Sprechweise und die Bildung neuer Worte und Ausdrücke in Wahnsinn. *Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie und psychiatrisch gerichtliche Medizin*, v.9, p.11, 1852.
- SNELL, Ludwig. Des altérations de la façon de parler et de la formation d’expressions et de mots nouveaux dans les délires. *L’évolution psychiatrique*. V.45, n.2, pp.365-374, 1895 (1980).
- TANZI, Eugenio. I neologismi degli alienati in rapporto col delirio cronico. *Rivista Sperimentale di Freniatria e di Medicina Legale delle Alienazioni Mentali*, v.15, pp.352-393, 1889-1890, apud BOBON, Jean. *Introduction historique a l’étude des néologismes et des glossolalies en psychopathologie*. Liège: H. Vaillant-Carmanne, 1952, pp.28-45.
- ZHENHUA, XU (2001). *Le néologisme et ses implications sociales*. Paris: L’Harmattan.